

O DESENVOLVIMENTO URBANO DE RECIFE NO PERÍODO DE DOMÍNIO HOLANDES, ENTRE OS ANOS DE 1630-1645

Raquel Gomes de Lucena¹

RESUMO

O trabalho se propõe analisar o papel do holandês na urbanização de Recife, desvendando os mitos por trás das obras do período e os processos históricos em torno dos acontecimentos, entre os anos de 1630-1645. Com o objetivo principal de entender as contribuições do Conde João Maurício de Nassau-Siegen para o desenvolvimento da cidade, vamos investigar os interesses da Holanda na capitania de Pernambuco, entender como ocorreu a invasão, refleti o crescimento urbano de Recife e por fim responder a seguinte pergunta, até que ponto pode afirmar que o governo de Mauricio de Nassau foi prospero para Recife? Existem vários trabalhos sobre o período holandês no nordeste, mas poucos são específico. As principais leituras baseiam-se em 'Tempo dos flamengos' de José Antônio Gonçalves de Mello Neto e 'História geral da civilização brasileira' organizado por Sergio Buarque de Holanda.

Palavras-chave: Maurício de Nassau; Cidade Maurícia; Desenvolvimento urbano; Brasil Colonial; Holanda.

ABSTRACT

This study aims to examine the role of the Dutch in the urbanization of Recife, revealing the myths behind the works of the period and the historical processes around the events between the years 1630-1645. With the main objective to understand the contributions of Count John Maurice of Nassau-Siegen for the development of the city, we will investigate the interests of the Netherlands in the captaincy of Pernambuco, to understand how the invasion occurred, reflected the urban growth of Recife and finally answer following question, to what extent can state that the government of Maurice of Nassau was prosperous to Recife? There are several papers on the Dutch period in the northeast, but few are specific. The main readings are based on 'time of the Flemings' Jose Antonio Goncalves de Mello Neto and 'General History of Brazilian civilization' organized by Sergio Buarque de Holanda.

Key words: aurice of Nassau; Mauritius City; Urban Development; Colonial Brazil; The Netherlands.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende retratar a modernização de Recife durante o período de ocupação holandesa e os processos históricos em torno dos acontecimentos, entre os anos de 1630-1645. Tendo como data baliza os anos de 1630, 1631, 1637, 1639, 1642 e 1644. Destacando a armada Companhia que conquista Olinda e Recife em 1630, o Conde João

¹ Raquel Gomes de Lucena é graduanda em lic. Plena pela Universidade Católica de Pernambuco – raquelglucena@gmail.com

Maurício de Nassau assume o governo do Brasil holandês em 1637, investigando as melhorias urbanas feitas por Nassau na ilha de Antônio Vaz, a qual passará a chamar-se Mauritsstadt, em 1639, refletindo sobre a expedição neerlandesa que ergueu o forte das cinco pontas, em Recife, entendendo a crise comercial no Brasil holandês do ano de 1642, e por fim em 1644, Nassau retorna aos países baixos, sendo substituído por uma junta provisória.

A Holanda dependência economicamente do açúcar e das relações comerciais com Portugal. Os Países Baixos mantinham um intenso comércio com Portugal antes da união de Portugal com a coroa espanhola em 1580. Após muita discussão internacional e uma tentativa de golpe, finalmente o Rei de Espanha, Felipe II (Felipe I de Portugal) assume o trono fazendo com que Portugal se torne agora inimigo da Holanda. De 1585 a 1599, os navios neerlandeses sofreram vários embargos em portos de Portugal, por ordem de Filipe I, assim os holandeses se viram forçados a buscar o abastecimento nas colônias ibéricas no ultramar. Os holandeses tinham uma participação importante no comércio do açúcar, apesar das negociações serem feitas por intermédio dos portugueses, os donos dos carregamentos eram holandeses, pois com a sua experiência comercial, contribuíram para a refinação e distribuição do açúcar e financiamento dos engenhos. Após a assinatura da Trégua dos Doze Anos (1609-1621) entre a Espanha e os Países Baixos, o comércio entre Portugal e Holanda recomeçou sem maiores problemas. Todavia, delimitamos este trabalho a partir de 1631, com a chegada do Conde Maurício de Nassau, concentrando nos acontecimentos relacionados à modernização da cidade do Recife.

Algumas questões são fundamentais para compreensão desse processo histórico, tais como: Entender as relações comerciais entre Holanda e Brasil; Refletir sobre as primeiras invasões holandesas no território brasileiro; Quais as razões que levaram os holandeses para Pernambuco? Como aconteceu a invasão à capitania? Houve algum tipo de resistência por parte dos moradores? Analisar sobre a Companhia das Índias Ocidentais e seus principais representantes; Refletir sobre a importância de Recife no cenário mundial; Quais as contribuições do Conde Maurício de Nassau para a modernização de Recife? Entender o mito do “Brasil melhor” com os holandeses; Como a população reagiu diante de tantas melhorias? E uma das questões fundamentais – o que sobrou da ocupação dos holandeses no Recife atual?

Busquei responder e refletir sobre as questões propostas reunindo informações de diversos autores que estudaram o período, como: Sergio Buarque de Holanda, Evaldo Cabral de Mello e Celso Furtado.

OS FLAMENGOS NO BRASIL

Encerrada a Trégua e ao reiniciar-se a guerra entre Países Baixos e Espanha, a distribuição do açúcar ficou comprometido na Europa. Vendo seus navios neerlandeses sofrerem vários impedidos nos portos de Portugal, os holandeses se viram obrigados a buscar o abastecimento nas colônias ibéricas, porém antes organizou uma ‘expedição’ para conhecer as novas terras. O navegador holandês Oliver Van Noord torna-se o primeiro flamengo a penetrar a região nordestina, as visitas realizadas no século XVI pelos holandeses no nordeste brasileiro era um prenuncio para as praticas corsárias que ocorreria no século seguinte. A população local achava-se desamparado pela coroa ibérica.¹

O maior interesse dos holandeses nas terras nordestinas brasileiras era o expansionismo e a necessidade de manter o controle sobre o comércio de açúcar, para isso formou a WIC, a Companhia das Neerlandesa das Índias Orientais tinha o ideal de dominar o comercio de açúcar. Vejamos o que diz Furtado: “A partir da metade do século XVI a produção portuguesa de açúcar passa a ser mais e mais uma empresa em comum com os flamengos [...] Os flamengos recolhiam o produto em Lisboa, refinavam-no e faziam a distribuição por toda a Europa [...]”.² pois eles que já fazia o transporte do açúcar até a Europa, viram-se interessados em não apenas transportar, mas sim, ser dona, participando de todo o processo desde a plantação, até a venda final do produto.³ Além da produção açucareira, a Companhia das Índias buscou também lucros no trafico de escravos, para isso ocupou ilhas do Caribe, territórios na América do Norte e no Brasil.

A dependência econômica dos Países Baixos no Brasil levou os ataques à Bahia em 1624 e Pernambuco em 1630.⁴ A Holanda dispunha-se de um excelente conhecimento não só das condições econômicas e sociais, mas também geográfico do litoral do nordeste. A decisão de atacar o Brasil, portanto, não foi um acontecimento imprevisto. Os holandeses articulavam o enfraquecimento dos espanhóis.⁵ A primeira



¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). História geral da civilização brasileira: do descobrimento à expansão territorial. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 1 v. 1 t., p. 260-261.

² FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

³ SANTOS, Thiago Cavalcante dos. O holandês e o nordeste brasileiro: 1630-1654. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). História geral da civilização brasileira: do descobrimento à expansão territorial. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 1 v. 1 t., p. 261-262.

⁵ MACHADO, Janderson Clayton Farias. O despertar do Recife no Brasil holandês. Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 7 – UFGD - Dourados jan/jun 2010. p. 2

invasão holandesa no território brasileiro ficou restrita a Bahia, mas foi vencida seis meses mais tarde e perdeu o território conquistado. A derrota serviu de aprendizado tanto para portugueses quanto holandeses. Preocupada com uma segunda invasão, a Bahia melhorou seus fortes e possibilitou o porte de armas entre os habitantes, e os holandeses sistematizaram e organizaram as futuras invasões. Pernambuco chamava atenção da Holanda, pois era a capitania principal e mais próspera região produtora de açúcar do mundo, e a que o donatário mostrava menos defesa. Os holandeses desembarcaram na capitania de Pernambuco em 1630 com uma frota composta de 56 navios, com 3780 tripulantes e 3500 soldados, em uma praia conhecida como Pau Amarelo e chegaram a Vila Olinda pelas margens.⁶

Os representantes da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais dominaram primeiro Olinda e depois Recife, ambas foram conquistadas sem dificuldades em poucos dias, diante das forças militares superiores, os habitantes preferiram se retirar.⁷ Não demorou muito para os pernambucos perceberem que não se tratava de apenas uma expedição para conhecer as terras brasileiras, estava evidente que os holandeses permaneceriam.

Antes do período de domínio holandês, Recife era um singelo povoado de pescadores em volta de uma igreja, submetido ao controle da Vila Olinda, mas tinha sua vida marcada pelas suas atividades portuárias, sendo chamado de arrecifes dos navios.⁸ Nessa época, já era forte a presença dos holandeses na cidade antes da segunda invasão deles na capitania. Não havia apenas os que negociavam ou residiam, mas também técnicos como Verdonck, que era mineiro e Pieter van Bueren que era engenheiro, até aparecem citados em documentos da época.⁹ Engajados na Companhia das Índias Ocidentais e em diversos comércios, os holandeses viram no nordeste brasileiro o sucesso econômico.

Dessa forma, o empreendimento holandês resolveu nomear um bom administrador que centralizasse em si as funções políticas e militares. O Conde João Mauricio de Nassau era conhecido dos holandeses pela coragem nas campanhas militares da Guerra dos Trinta Anos. Mauricio de Nassau era nobre, tinha conhecimento humanístico e ideias avançadas para



época, ocorreu assim que Nassau fosse escolhido como administrador geral do Brasil - Holandês.¹⁰

⁶ GASPAR, Lúcia. *Felipe Camarão [Antônio]*. **Pesquisa Escolar On-Line**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20 set. 2011

⁷ MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempos Flamengos*. 5ª edição, Editora: Universidade, p.

⁸ PORTO, José da Costa. *Nos tempos do visitador: subsídios ao estudo da vida colonial pernambucana nos fins do século XVI*. Recife: UFPE, 1968.

⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). *História geral da civilização brasileira: do descobrimento à expansão territorial*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 1 v. 1 t., p. 263.

¹⁰ SANTOS, Thiago Cavalcante dos. *O holandês e o nordeste brasileiro: 1630-1654*. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. p. 4

Após o título provisório que autorizava como moradores de Recife Conde João Maurício de Nassau e os conselheiros político, no ano de 1637, a companhia das índias enviou o novo governador.¹¹ Nassau era um nobre alemão-holandês, corajoso e possuía novas ideias. Encantado com a beleza da terra dos altos coqueiros passou a morar em Pernambuco. O Conde apelidou a cidade de Nova Holanda. Nassau logo compreendeu que uma relação pacífica entre os diversos grupos religiosos poderia trazer benefícios futuros ao seu estado. No início do seu governo mostrou uma relação íntima com os judeus e em outros momentos passou extrema confiança. Para LEVY: no processo de fortalecimento da burguesia, os judeus desempenharam um papel de destaque. O comércio com o norte da Europa, transformou a economia nordestina. Ainda segundo a autora: Os holandeses, que no século XVII, representavam a maior potência marítima da europeia, viam nos judeus úteis aliados, pois possuíam contatos internacionais e uma rede de comunicação, que servia de valioso elemento para o desenvolvimento do comércio internacional.¹² Tanto que a primeira sinagoga da América foi construída no Recife, na Rua dos Judeus, que depois da expulsão dos holandeses passou a se chamar Rua do Bom Jesus. Em 1637 foi organizada a segunda construção, essa funcionava na casa de um particular, na Ilha de Antônio Vaz.

Nesse Período, o nordeste transformou-se em um espaço urbano e dinâmico. Com a presença de Nassau, a pequena vila de pescadores foi transformada em centro comercial e a ilha de Antônio Vaz em residência para os grandes burgueses e para o Conde. Recife foi a primeira no Brasil colonial a ter um plano urbanístico definido: ruas cortadas regularmente, saneamento da zona, escoamento das camboas, construção de pontes e diques. A cidade passou a ter visibilidade¹³

A CIDADE MAURÍCIA

O Recife holandês era formado de um núcleo urbano, do porto e da Cidade Maurícia. Com a permissão de Nassau para a liberdade de credo, a cidade passou a acomodar cidadãos de todos os países, principalmente de ingleses, franceses, escoceses e os judeus. O desenvolvimento de Recife teve importância no cenário mundial. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda: o progresso urbano de Recife e o relevo cultural e artístico que se devia à ação do Conde Nassau explicaram a iniciativa tomada em 1639 pela Câmara de Escabinos de propor que a capital de Pernambuco fosse denominada Cidade Maurícia [...].¹⁴

¹¹ MELLO, José Antônio Gonsalves de. Tempos Flamengos. 5ª edição, Editora: Universidade, p.

¹² LEVY, Daniela Tonello. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo. 2008. Orientadora: Anita Waingort Novinsky

¹³ MELLO, José Antônio Gonsalves de. Tempos Flamengos. 5ª edição, Editora: Universidade. p. 52

¹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). História geral da civilização brasileira: do descobrimento à expansão territorial. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 1 v. 1 t., p. 263.

Maurício de Nassau projetou a cidade Maurícia ou Mauriciópolis para ser o centro do seu poder no Brasil Colonial. Com o conde como administrador da capital pernambucana foram iniciadas várias obras que promoveram diversas melhorias urbanas na cidade, sendo: calçando ruas com pedras, proibiu o tráfego de carros de boi para não destruir as vias, criou um corpo de bombeiros voluntário, implantou o imposto territorial urbano, construiu casas e pontes, e possuía um aviário, admirador da fauna e flora brasileira, e também se mostrou um admirador da fauna e flora brasileira, fez construir um Jardim Botânico e um Zoológico. Os arquitetos e engenheiros auxiliaram na urbanização de Recife, focando principalmente no saneamento básico, que foi pioneiro na América do Sul, e no embelezamento da cidade.¹⁵

Além dos melhoramentos urbanos, o Conde fez construir, a sua custa, dois esplêndidos palácios como o Palácio de Friburgo, que servia de residência ao governador, para incentivar os moradores a fazerem casas, edificou o primeiro em um ponto de confluência dos rios Capibaribe e Beberibe no ano de 1642 com a fachada voltada para o mar, o palácio que foi denominado Vriburg, possuía um extenso pomar, e o outro construído um ano depois às margens do primeiro rio ficou conhecido pelo nome do português de Boa Vista. Em seus palácios, foram reunidas valiosas coleções de objetos feitos no Brasil, como: tangapemas, arcos, setas, azagaias, redes e ornatos de penas indígenas, móveis de jacarandá e de marfim,

grandes telas a óleo pintadas por Frans Post e Albert Eckhout, que foram os primeiros pintores a representar as terras e as variedades das terras brasileiras, e ainda uma vasta coleção de pintura a óleo no papel representando plantas e animais do nordeste brasileiro e da África.¹⁶ Em ambos os palácios, Nassau armazenou sua coleção zoológica, botânica e etnográfica, que posteriormente reunirá na Mauritshuis, o palácio que ergueu em Haia ao tempo do seu governo do Brasil.

Mesmo com o preço do açúcar despencando e a Companhia das Índias perdendo dinheiro, Nassau decide construir uma ponte para facilitar o tráfego de pessoas entre o bairro do Recife e a Cidade Maurícia. A fim de alcançar um maior número de pessoas pagando pedágio na ponte, no dia da sua inauguração, João Maurício anunciou que faria um boi voar. O conde fez do domingo um momento histórico extraordinário. Para cumprir a promessa, ordenou que fosse esfolado um boi inteiro e enche-lhe de ervas e palhas e pôs no alto de uma galeria que tinha sido construída no seu jardim. Pediu emprestado o boi mais manso de Melchior Alvares e fez subi ao alto da galeria. A notícia do boi voador juntou inúmeros curiosos. Logo, mandou que tirasse dali o boi cheio palha e o fizeram voar por meio de cordas. Mais duas pontes foram edificadas pelo Conde de Nassau, uma ligando a Casa da Boa Vista, finalizada em 1643, ao continente e outra anexando o dique dos Afogados ao forte Príncipe Guilherme. O seu grande projeto urbanístico foi responsável pela transição de simples depósito de açúcar para uma cidade moderna, primeira ligando o bairro do Recife e a Cidade Maurícia.¹⁷ A esse

¹⁵ DOBBIN, Elizabeth. *Maurício de Nassau*. **Pesquisa Escolar On-Line**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 27 set. 2011.

¹⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). *História geral da civilização brasileira: do descobrimento à expansão territorial*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 1 v. 1 t., p. 263.

¹⁷ MELLO, Evaldo Cabral de. *O Brasil holandês*. São Paulo: Penguin Classics, 2010. p.321

respeito, existe hoje, próximo da ponte Mauricio de Nassau, uma placa que registra a rendição holandesa: Situada onde existiu a primeira ponte da América Latina, construída por Mauricio de Nassau em 1643. Na sua inauguração visando à cobrança de pedágio, ocorreu o episódio do ‘boi voador’. Foi reconstruída em 1977, no governo de Manoel Borba. Alguns guias da cidade do Recife afirmam que a ponte Mauricio de Nassau, localizada atualmente próximo a igreja Madre de Deus, é uma construção holandesa, mas sabe-se que é impossível, porque a primeira era de madeira.

E o Forte de São Tiago das Cinco Pontas, foi edificado pelos flamengos, no ano de 1630 por determinação de Frederik Hedrik, o Príncipe de Orange, sendo planejado pelo comandante Teodoro Weerdemburgh. Chamou-se, primeiramente, de Forte Frederico Henrique. Mas o Forte estava próximo de um abastecedor do senhor de engenho Ambrósio Machado, na ilha de Antônio Vaz, um local de água potável. Em decorrência de sua proximidade com tais cacimbas, também foi denominado de Forte das Cacimbas de Ambrósio Machado e de Forte das Cacimbas das Cinco Pontas, a fortaleza possuía como padroeira Nossa Senhora de Assunção. É a última construção holandesa no Recife e um dos monumentos mais representativos da arquitetura colonial.¹⁹ O prefeito Gustavo Krause, em dia 14 de dezembro de 1982, transformou o forte em museu, sendo chamado de Museu da Cidade do Recife, com a finalidade de preservar a memória nacional. Sobre isso, atualmente, na entrada do Forte existe uma placa: Próximo a este forte das Cinco Pontas, um dos últimos baluartes flamengos, na chamada campina do Taborda, existiu a porta sul de Mauricéia, onde o mestre de campo general Francisco Barreto, chefe militar da campanha de libertação e restauração de Pernambuco, recebeu a 28.1.1654, na qualidade de vencedor, as chaves da cidade, que lhe foram entregues pelo general Segismundo von Schkoppe, comandante das forças holandesas que, na ante-véspera se haviam rendido. Esta memória foi mandada colocar pelo Exército, no ensejo das comemorações do tricentenário da Restauração. 1654 – 1954.

Comenta-se até hoje que o Conde João Mauricio de Nassau foi um dos melhores dos melhores administradores da história desse país, não se preocupou apenas com o embelezamento e a modernização da cidade, mas pavimentou ruas, drenou pântanos, realizou a construção pontes e canais, saneamento básico, decretou a liberdade de culto, abriu os portos, fez uma política de aproximação com os senhores-de-engenho. Nassau ainda trouxe vários escritores, pintores e arquitetos que representaram em obras todo o esplendor do Recife.

A CRISE NO COMERCIO DE AÇUCAR

A economia do Brasil Colonial baseava-se no plantio da cana-de açúcar. O senhor de engenho arrenda suas terras a diversos lavradores com a condição de entrega do produto para o engenho, além disso, o lavrador tem que cuidar do canavial, limpa-lo

¹⁹ VAINSENCER, Semira Adler. *Forte das Cinco Pontas. Pesquisa Escolar On-Line*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 30 set 2011.

duas ou três vezes no ano, plantar cana com ou sem a ajuda do dono das terras conforme o contrato e também era tarefa do lavrador mandar cortar e conduzir a cana em carros os até a moenda. Já o senhor de engenho tinha que construir por conta própria todos prédios do engenho, sendo: a casa da moenda, a casa das caldeiras, a casa de purgar, a olaria etc. Além de pagar o salário dos coordenadores da plantação, da moenda, os negros e comprar os bois.²⁰

A monocultura da cana-de-açúcar e a dificuldade em trazer alimentos dos Países Baixos fizeram as terras brasileiras cara e difícil. Mesmo assim, a Companhia das Índias resolve reduzir seus efetivos na colônia. O preço do açúcar no mercado de Amsterdã sofreu um duro golpe no período de 1638-1642. O declínio iniciou a partir de 1638, com ponto mais baixo em 1643 e uma leve recuperação a partir de 1645, em função mesmo da insurreição restauradora que provocou a escassez do produto na Holanda. O declínio no preço do açúcar era parte de um fenômeno, mais amplo e duradouro, de queda dos preços dos produtos coloniais, o baixo preço do açúcar estava ligado ao do século, se o século quinhentos foi marcado pela expansão, o seiscentos foi de retração. A crise do comércio em Recife resultou na crise do açúcar em Amsterdã. Privado das verbas originárias da Companhia, os administradores do Brasil holandês viram-se na obrigação de cobrar dívidas para poder assumir a manutenção do exército militar e do funcionalismo. Os comerciantes holandeses exigiram dos seus correspondentes em Pernambuco um auxílio, da remessa de fundos emprestados a particulares seriam cobrados impostos muito altos, que podiam chegar a 3% ao mês, e anualmente de 36 a 48%. Assustados, os chefes do Brasil holandês encontraram uma solução, anular as dívidas dos senhores de engenho aos comerciantes livres, contra a hipoteca dos seus engenhos, escravarias e safras. Em 1638, os holandeses resolveram parcialmente os problemas, sem suspeitar, os senhores transferência e revenda os engenhos, as circunstâncias econômicas e sociais que tornarão mais fácil, à Coroa portuguesa e aos seus representantes na Bahia, a tarefa de fomentar uma rebelião de proprietários endividados contra o Brasil holandês. Nassau encontrou uma solução, forçou os senhores de engenho e lavradores de cana

a plantarem um delimitado número de covas de mandioca por escravo que possuíssem, porém a medida não foi muito bem-sucedida.²¹

A crise no comércio de açúcar resultou em um conflito entre diretores da Companhia das Índias e o conde Nassau. A partir de 1640, a situação econômica da Companhia piorou rapidamente, porém o maior problema dos holandeses não era esse, os portugueses estavam recuperando o trono e queria retomar o domínio do Brasil. Nassau insistiu várias vezes para que os diretores lhe enviassem mais recursos para ampliar suas forças militares. Seus pedidos, no entanto, foram negados, devido os problemas financeiros enfrentados pela Companhia e as suspeita de despesas excessivas. Diante de tamanho problema, Maurício de Nassau foi substituído e retornou à Holanda em 1644, e Pernambuco rendeu-se aos portugueses em 1654. Em 1661 a Companhia, num acordo, abriu mão de todos os seus direitos sobre o território.

Atualmente, na capital pernambucana quando falamos em ocupação holandesa no Recife, rapidamente lembramos o Conde João Maurício de Nassau e seus melhora-

²⁰ MELLO, Evaldo Cabral de. **Imagens do Brasil holandês 1630-1654.** ARS (São Paulo) [online]. 2009, vol.7, n.13, pp. 160-171. ISSN 1678-5320.

²¹ MELLO, Evaldo Cabral de. O Brasil holandês. São Paulo: Penguin Classics, 2010. p.285
-mentos na cidade, e alguns dos seus trabalhos foram pioneiros na América do Sul.

O QUE RESTOU DA OCUPAÇÃO HOLANDESA EM RECIFE?

A permanência dos holandeses no nordeste brasileiro deixou marcas no imaginário dos brasileiros em um período de 24 anos, principalmente quando o representante, o conde João Maurício de Nassau-Siegen, governou os territórios conquistados entre 1637 e 1644. Ainda hoje na capital pernambucana, acredita-se que a maioria das obras foram construídas pelos holandeses, assim sendo podemos afirmar que o que não foi realizados pelos portugueses em 300 anos foi feito pelos holandeses em 8 anos? Acho cronologicamente impossível. Para os pernambucanos, se os holandeses ainda estivessem aqui, a nossa cidade seria outra, alguns até comparam com a ilha de Manhattan, em New York, fundada pelos holandeses, mas os flamengos também estiveram presentes nas Antilhas.

Os portugueses influenciaram mais na organização e na urbanização de Recife que os flamengos, e as igrejas com pátio na frente como o Pátio do Terço e o Pátio de São Pedro é

uma prova da atuação portuguesa na arquitetura da cidade. De concreto pouco restou do Recife holandês, logo após a saída dos holandeses, os portugueses derrubaram boa parte do que foi construído por eles, o Forte Orange é um ótimo exemplo, o que existiu do holandês foi soterrado pelos portugueses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocupação holandesa em Pernambuco representa algo único para historiografia do Brasil Colonial. Os flamengos permaneceram em território brasileiro por cerca de 24 anos, nesse tempo foram conquistados vários estados do nordeste, tais como: Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Maranhão e Pernambuco que estava nos planos da Holanda por conta da economia do açúcar.

Durante o período de dominação holandesa, Recife tornou-se a cidade mais moderna da colônia e ainda possuía o domínio do comércio de açúcar. É evidente a importância o papel de Maurício de Nassau na modernização da cidade, entre seus trabalhos, podem ser apontados: o planejamento urbano da cidade, as obras de saneamento, as duas pontes, os palácios, suas coleções de arte, os jardins e zoológicos. Apesar possuir o domínio do comércio de açúcar, o Recife era uma modesta vila, provavelmente esse crescimento da cidade seja o principal motivo para a visão de 'Brasil melhor', claro também tem uma pequena ajuda da popularidade do chefe de estado da colônia holandesa.

Em 1645, os portugueses conseguiram conquistar o território perdido e boa parte dos holandeses foi expulsa de Pernambuco. Com a expulsão, os holandeses judeus foram para o 'Novo Mundo' trocaram a ilha de Manhattan, em New York com os índios pelo equivalente a 24 dólares em besteira e bugigangas, e lá foi feita umas das maiores comunidades judaicas. Imaginar que os holandeses viveram aqui, em Recife.

REFERENCIAS

ARTIGOS:

GESTEIRA, Heloisa Meireles. O Recife holandês: historia natural e colonização neerlandesa (1624-1654). Revista da SBHC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p 6-21, jan 2004.

http://www.sbh.org.br/pdfs/revistas_anteriores/2004/1/artigos_1.pdf



LEVY, Daniela Tonello. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo. 2008. Orientadora: Anita Waingort Novinsky

http://www.catedra-alberto-benveniste.org/fich/17/DISSERTACAO_DANIELA_TONELLO_LEVY.pdf

MACHADO, Janderson Clayton Farias. O despertar do Recife no Brasil holandês. Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 7 – UFGD - Dourados jan/jun 2010.

<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/752/467>

MELLO, Evaldo Cabral de. **Imagens do Brasil holandês 1630-1654**. ARS (São Paulo) [online]. 2009, vol.7, n.13, pp. 160-171. ISSN 1678-5320.

<http://www.scielo.br/pdf/ars/v7n13/arsv7n13a11.pdf>

PASSETTI, Gabriel. Criação do mito do Brasil holandês. Revista Klepsidra - Revista Virtual de História. 13.04.2007.

<http://www.klepsidra.net/klepsidra3/holandeses.html>

SANTOS, Thiago Cavalcante dos. O holandês e o nordeste brasileiro: 1630-1654. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008

<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Paineis/Thiago%20Cavalcante%20dos%20Santos.pdf>

LIVROS:

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de: "O domínio holandês na Bahia e no Nordeste" in História geral da civilização brasileira, 1º vol., livro 4, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1960.

MELLO, Evaldo Cabral de. O Brasil holandês. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. Tempos Flamengos. 5ª edição, Editora: Universidade.

PORTO, José da Costa. Nos tempos do visitador: subsídios ao estudo da vida colonial pernambucana nos fins do século XVI. Recife: UFPE, 1968.